



# Encontro anual da **ACBLPE**

ASSOCIAÇÃO DE CRIoulos DE  
BASE LEXICAL PORTUGUESA E  
ESPAÑHOLA

UNIVERSIDADE DE CABO VERDE  
Praia, Cabo Verde  
23-25 de junho de 2016

## CADERNO DE RESUMOS



# Encontro anual da **ACBLPE**

ASSOCIAÇÃO DE CRIoulos DE  
BASE LEXICAL PORTUGUESA E  
ESPANHOLA

UNIVERSIDADE DE CABO VERDE  
Praia, Cabo Verde  
23-25 de junho de 2016

## CADERNO DE RESUMOS



# ÍNDICE

A DIDATIZAÇÃO DA LCV NA PERSPECTIVA DA CONSTRUÇÃO DO BILINGUISMO	
<i>Eleutério Afonso</i> .....	8
A LANGUAGE GAME IN LUNG'IE	
<i>Ana Lívía dos Santos Agostinho</i> .....	9
DEFINITUDE EM CABO-VERDIANO: IMPACTOS NO PORTUGUÊS FALADO EM CABO VERDE	
<i>Nélia Alexandre</i> .....	11
ATITUDES LINGÜÍSTICAS DE FALANTES DE PORTUGUÊS E LÍNGUAS BANTU EM MAPUTO, MOÇAMBIQUE	
<i>Laura Álvarez López, Anna Jon-And, Torun Reite</i> .....	13
TER E HAVER NO PORTUGUÊS DE CABINDA (ANGOLA): CONVERGÊNCIAS COM O PORTUGUÊS BRASILEIRO	
<i>Juanito Ornelas de Avelar</i> .....	14
O VOCALISMO NA VARIEDADE LINGÜÍSTICA DE SANTO ANTÃO: UMA ANÁLISE CONTRASTIVA COM A VARIEDADE DE SANTIAGO	
<i>Maria do Céu Baptista</i> .....	16
A COMPARISON OF UPPER GUINEA AND GULF OF GUINEA PORTUGUESE CREOLE IDEOPHONES	
<i>Angela Bartens</i> .....	17
LANGUAGE IDEOLOGIES AND USE OF RHOTICS IN THE PORTUGUESE OF SÃO TOMÉ	
<i>Marie-Eve Bouchard</i> .....	18
THE SPEECH OF THE MAROON COMMUNITY KALUNGA	
<i>Ana Paulla Braga Mattos</i> .....	19

EDUCAÇÃO BILINGUE CABOVERDIANO-PORTUGUÊS: A AQUISIÇÃO DO SISTEMA PRONOMINAL	
<i>Ana Josefa Cardoso</i> .....	21
O ESTRATO INDO-PORTUGUÊS DO INDO-FRANCÊS	
<i>Hugo Cardoso</i> .....	22
ACQUISITIONAL ACCOUNT OF TYPOLOGICAL SIMILARITIES IN PIDGIN AND CREOLE LANGUAGES	
<i>Clancy Clements</i> .....	24
O CABO-VERDIANO COMO LÍNGUA DE WH MOVIDO E NÃO DE WH IN-SITU- UMA EVIDÊNCIA COM CONSTRUÇÕES-WH DE VERBOS INACUSATIVOS	
<i>Emanuel Correia de Pina</i> .....	25
A INSTABILIDADE DOS RÓTICOS NO PORTUGUÊS DE SÃO TOMÉ	
<i>Sílvia Figueiredo Brandão</i> .....	26
ANÁLISE COMENTADA DO MANUSCRITO “GUIA DE CONVERSAÇÃO PORTUGUESA PARA USO DOS LIBOLOS”, DO PADRE RENÉ ROBERT	
<sup>(i)</sup> <i>Carlos Filipe Guimarães Figueiredo</i> , <sup>(ii)</sup> <i>Margarida Maria Taddoni Petter</i> , <sup>(iii)</sup> <i>Vanessa Martins do Monte</i> .....	27
PORTUGUESE FEATURES IN CUWABO (BANTU P34, MOZAMBIQUE)	
<i>Rozenn Guérois</i> .....	29
STATE OF THE RESEARCH ON PAPIAMENTU AND ITS GENETIC TIES WITH UPPER GUINEA	
<i>Bart Jacobs, Nicolas Quint</i> .....	30
PAST TENSE MARKING IN GUINEA-BISSAU KRIYOL AND SOTAVENTO CAPE VERDEAN: A POSITIONAL PUZZLE	
<i>Alain Kihm</i> .....	31
CAPE VERDE & THE ANTILLES: TWO ARCHIPELAGOES IN A CONTACT ZONE	
<i>Alla Klimenkowa</i> .....	33

ANTÓNIO JOAQUIM RIBEIRO – O PRIMEIRO INFORMANTE DE SCHUCHARDT EM CABO VERDE	
<i>Jürgen Lang</i> .....	35
LÍNGUAS CRIOULAS E O PORTUGUÊS AFRO-BRASILEIRO, UMA HISTÓRIA DE CONTATO?	
<i>Fernanda Maciel Ziober</i> .....	36
<b>AQUITENS, AGORA DIGALÁ:</b> KABUVERDIANU E PORTUGUÊS EM CONTACTO	
<i>Tiago Mouta, Dominika Szolkien</i> .....	37
O SINTAGMA NOMINAL NO PORTUGUÊS VERNACULAR DE MACAU: A QUESTÃO DA CONCORDÂNCIA	
<i>Ana Margarida Nogueira da Silva</i> .....	39
‘ONDE’ NÃO INTERROGATIVO EM COTEJO EM DUAS LÍNGUAS REESTRUTURADAS	
<i>Marcia Santos Duarte de Oliveira, Fernanda Maciel Ziober, Vanderlei Maurer</i> .....	40
CONSTRUÇÕES COM ‘TÓPICO SUJEITO’: COTEJO EM LÍNGUAS REESTRUTURADAS	
<i>Márcia Santos Duarte de Oliveira, Raquel Azevedo da Silva</i> .....	42
LANGUAGE EVOLUTION IN THE COCA PLANTATION: VOICE QUALITY IN AFRO-YUNGUEÑO SPANISH	
<i>Danae M. Perez</i> .....	43
LINGUISTIC VARIATION IN CAPEVERDEAN	
<i>Fernanda Pratas</i> .....	44
FRASE COMPLEXA EM CABO-VERDIANO: ESTUDO BASEADO EM CORPUS	
<i>Nicolas Quint, Eliane Vieira</i> .....	46
A DIREÇÃO DA MUDANÇA LINGUÍSTICA NO PORTUGUÊS DE MAPUTO - DADOS DIACRÔNICOS DE UMA SITUAÇÃO DE CONTATO	
<i>Torun Reite, Anna Jon-And</i> .....	47

ESCOLHAS LINGUÍSTICAS NA INTERNET: USO DA LÍNGUA CABO-VERDIANA NO FACEBOOK <i>Sílvia Rodilla Rivas</i> .....	49
A LOOK AT PRO-DROP PHENOMENA IN CABO VERDEAN CREOLE <i>Adrian Rodriguez Riccelli, Sandro Sessarego</i> .....	50
ON THE CLASSIFICATION OF SPANISH CONTACT VARIETIES <i>Eeva Sippola, Danae M. Perez</i> .....	52
TRAÇOS DE <b>PESSOA</b> E DUPLOS SUJEITOS NO PORTUGUÊS, SANTOME E CABO-VERDIANO <i>Cláudia Roberta Tavares Silva, Danniel da Silva Carvalho, Fernanda Maciel Ziober</i> .....	53
LA FORMACIÓN DEL PLURAL EN CHABACANO ZAMBOANGUEÑO <i>Eduardo Tobar Delgado</i> .....	54
THE CLITIC SYSTEM OF GUINEA-BISSAU CREOLE- SUBJECTS, OBJECTS, AND OBJECT ENCLISIS <i>Chiara Truppi</i> .....	56
NEGATIVE CONCORD IN THE PORTUGUESE CREOLES, WITH A FOCUS ON THE GULF OF GUINEA <i>Johan van der Auwera</i> .....	58

# A DIDATIZAÇÃO DA LCV NA PERSPECTIVA DA CONSTRUÇÃO DO BILINGUISMO

**Eleutério Afonso**

Universidade do Minho

*munizafonso@hotmail.com*

O trabalho trata a questão da didatização e criação de um espaço curricular para a língua caboverdiana (LCV) e a partilha de espaços curriculares entre a língua caboverdiana e o português no sistema educativo caboverdiano.

Partindo objeto que é a problemática da criação de espaços curriculares para a LCV e a sua didatização, com especial foco para o contexto da iniciação escolar, o trabalho expande-se, procurando demonstrar que a inclusão da LCV na educação, tanto como matéria a ensinar e como veículo de ensino, é um assunto de política cultural (política curricular, mais concretamente) com solução didática.

O trabalho gravita a volta das seguintes questões: pode-se incluir a LCV nos currícula? Se sim, que modelo de construção do bilinguismo seguir? E o desafio das variantes? Pode-se fazer constar todas elas nos materiais didáticos? Em que medida e formato?

Jürgen Lang (1994) informa que a LCV despertou o interesse da linguística internacional desde os anos oitenta do século XIX. Desde essa data, a LCV vem sendo estudada, por diferentes individualidades<sup>1</sup>. Apesar de todo esse avanço, a Lcv não conseguiu ainda ser implantado no sistema educativo e a sua didatização é bem fraca.

- 
1. Os mais importantes que conseguimos ter notícia são: Adolfo Coelho (1880); Joaquim Vieira Botelho da Costa e Custódio José Duarte (1886), António de Paula Brito (1887); Frederico Barros (1887); Cónego António Manuel da Costa Teixeira (1888); José Leite de Vasconcellos (1898) Elsie Clews Parsons (1923); Napoleão Rodrigues Fernandes (que viveu entre 1889-1969 mas a obra saiu em 1961); Baltazar Lopes da Silva (1957, 1984); Dulce Almada 1961, José Herculano de Carvalho (1962); Mary Louise Nunes (1962/1963); Manuel Veiga (1982, 1996, 2004, 2010); Nicholas Quint com inúmeras publicações, Jürgen Lang com inúmeras publicações, Fernada Pratas (2002); Dominika Sousa (2007) e Carlos Delgado (2008).



Assim, tocamos várias matérias afins, designadamente, a história das didáticas da língua materna e línguas não maternas; a avaliação das aprendizagens; a engenharia curricular perante a diversidade linguística, etc, são alguns dos eixos que vão alimentar esta problemática demonstrando que, hoje, este assunto obriga a amplas participações e abordagens multidisciplinares.

Considerando os avanços da linguística, que é a base de todo este processo, o trabalho advoga a necessidade de se avançar para o campo da didatização, processo do qual se espera outros produtos que aqueles da linguística, mais direcionados para a escolaridade, considerando as especificidades dos seus diferentes níveis, atendendo às esperanças específicas de cada etapa, trabalho para profissionais de outras áreas, designadamente, desenvolvimento curricular, docência, indústria editorial escolar.

## A LANGUAGE GAME IN LUNG'IE

**Ana Livia dos Santos Agostinho**

Universidade de Santa Catarina

*ana.agostinho@yahoo.com*

The goal of this paper is to describe a language game in Lung'Ie, a Portuguese-based creole language spoken in Príncipe Island, São Tomé and Príncipe. Furthermore, this ludling will shed light on some phonological issues in Lung'Ie such as the position of the onglide and the offglide inside the syllable structure and the importance of stress.

This language game inserts CV syllables with [p] as an onset and a copy vowel as the nucleus (pV). The ludling pV is inserted after the tonic syllable of the word and the ludling syllable becomes the tonic:

- |     |    |           |            |             |
|-----|----|-----------|------------|-------------|
| (1) | a. | [u'dɛdɔ]  | [udɛ'pɛdɔ] | 'finger'    |
|     | b. | [u'muɲɛ]  | [umu'puɲɛ] | 'nail'      |
|     | c. | [ka'be]   | [kaba'pa]  | 'to finish' |
|     | d. | [l'primɔ] | [pri'pimɔ] | 'cousin'    |

Whenever there is a coda in the input (cf. Agostinho 2014), it will appear as a coda in the inserted syllable and it will not be copied:

- (2) a. [ˈgoʃ.to]                      [go.ˈpoʃ.to], \*[goʃ.ˈpoʃ.to], \*[goʃ.ˈpo.to]                      ‘gosto’  
 b. [tu.ˈsã]                      [tu.saˈpã], \*[tu.sãˈpã], \*[tu.sãˈpa]                      ‘sentar’

In words with long vowels, the ludling syllable will also be long, i. e., the branched nucleus is entirely copied:

- (3) [ˈpa:tɐ]                      [paːˈpa:tɐ]                      ‘silver’

According to Araujo and Agostinho (2014), language games are usually used as an argument for the position of glides in the syllable structure (cf. Davis & Hammond 1995; Lee 1994).

The onglide will behave like a consonant and will not be copied in the ludling syllable, which shows that the onglide is part of the onset, since if it was part of the nucleus we would have \*[abjaˈpja], \*[nweˈpwɛɛ] e \*[weˈpwe]:

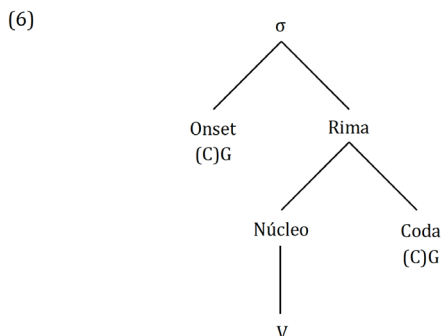
- (4) a. [aˈbja]                      [abjaˈpa], \*[abjaˈpja], \*[abaˈpja]                      ‘creek’  
 b. [ˈnweɛɛ]                      [nweˈpɛɛɛ], \*[nweˈpwɛɛɛ], \*[nɛˈpwɛɛɛ]                      ‘half a coconut’  
 c. [ˈwe]                      [weˈpɛ], \*[weˈpwe]                      ‘to go’

The offglides have the same behavior of codas, that is, they become part of the coda of the inserted syllable:

- (5) a. [uˈbaw]                      [ubaˈpaw], \*[ubawˈpaw], \*[ubawˈpa]                      ‘clay’  
 b. [ˈsej]                      [seˈpej], \*[sejˈpej], \*[sejˈpe]                      ‘six’

If the offglide was part of the nucleus, we would have a copy of the nucleus and the output would be \*[ubawˈpaw] and \*[sejˈpej]. The fact that offglide have the same behavior as a consonant, demonstrates that it is in the coda of the syllable.

In (6), we can see the glides represented as consonants in the syllable structure of Lung'Ie:



## DEFINITUDE EM CABO-VERDIANO: IMPACTOS NO PORTUGUÊS FALADO EM CABO VERDE

Nélia Alexandre

Universidade de Lisboa

*neliaalexandre@gmail.com*

Vários estudos sobre o sistema nominal do Cabo-verdiano têm salientado o facto de o artigo indefinido *un* ‘um/uma’ ser o protótipo da indefinitude; de o artigo definido *kel* ‘o/a’ estar ainda num processo de consolidação a partir do demonstrativo *kel...li/la* ‘este/aquele’ e de os nomes ocorrerem, normalmente, sem um determinante explícito (BNPs) (Alexandre & Soares 2005, Baptista 2007). Efetivamente, Bickerton (1981), e outros depois dele, afirma que os BNPs são uma característica nuclear das línguas crioulas, já que ocorrem em várias posições sintáticas e parecem ter os traços de [definitude] e [número] subespecificados (1).

(1) [<sub>Suj</sub> *Midju*] *ta intxi* [<sub>Obj</sub> *bariga*].

‘O milho enche a barriga.’

Apesar de já se saber qual a distribuição dos BNPs em Cabo-verdiano (Baptista 2007), a relação entre a sua ocorrência e os predicados e aspetos verbais, que

induzem leituras [+/-definidas] e [+/-específicas] (2-3), ainda não foi suficiente explicada (especialmente, quando os BNPs ocorrem na posição de sujeito).

(2) *Katxor gosta di karni.*

‘Os cães gostam de carne.’

(3) a. *Piskador ta panha pexe.*

‘Os pescadores apanham peixe.’

à Leitura distributiva (se *x* é um pescador, *x* apanha peixe)

b. *Piskador panha pexe.*

‘O pescador apanhou peixe.’

à Leitura existencial (há um *x* que é ‘pescador’, *x* apanhou peixe)

Além disto, estando o Cabo-verdiano em contacto estreito com o Português, língua que tem um sistema de determinação diferente daquela e que, na variedade europeia, só permite BNPs em posição de sujeito em frases definitórias e equativas (4), coloca-se a questão de se saber (i) como é que a ‘definitude’ é codificada em Cabo-verdiano; (ii) quais os impactos do contacto entre dois sistemas de artigos diferentes?

(4) a. *Queijo é coisa que eu não como.*

b. \**Criança brinca nos parques.*

O objetivo da comunicação é responder às questões acima assumindo que, na linha de White (2010), o uso dos artigos em Português de Cabo Verde (PCV) reflete efeitos da Gramática Universal (com mais ou menos *transfêr* do Cabo-verdiano, L1) e que mapeia na sintaxe informação semântica dos nomes.

Com base num estudo sobre a aquisição de artigos em PCV, que envolveu 80 informantes cabo-verdianos da cidade da Praia, mostra-se que os falantes conseguem adquirir propriedades subtis da L2, como o traço [+/- definido], mas conclui-se que os falantes de PCV manifestam algumas dificuldades em fixar os valores dos artigos, usando o artigo definido *o* como um elemento *default* que pode assinalar [-definido, -específico] (6).

(6) *Carina: Onde está a Beta? Ela vem jantar?*

*Ana: Não. Ela vai comer com Q (alvo: um) colega. Mas não sei quem ele é.*

# ATITUDES LINGUÍSTICAS DE FALANTES DE PORTUGUÊS E LÍNGUAS BANTU EM MAPUTO, MOÇAMBIQUE

**Laura Álvarez López, Anna Jon-And, Torun Reite**

Universidade de Estocolmo

*laura.alvarez@su.se, Anna.Jon-And@ispla.su.se, torun.reite@su.se*

As alterações demográficas ocorridas em Moçambique a partir da década de 1960, juntamente com a expansão da rede escolar após a independência (1975), têm tido como consequência a difusão da língua portuguesa, o que pode resultar em processos de erosão e, em alguns casos, extinção de línguas Bantu. Para podermos entender a situação de contato linguístico, consideramos importante estudar a proficiência, o uso e as atitudes dos falantes com relação ao português e às línguas africanas. Com base nos resultados de tais estudos, será possível desenvolver políticas linguísticas e educacionais que atendam às necessidades da população.

Os objetivos do presente estudo são (a) descrever as tendências observadas no que diz respeito ao processo de mudança de língua (language shift) e (b) identificar fatores que possam favorecer a preservação das línguas Bantu.

Os dados analisados nesta investigação foram coletados através da recolha de questionários de auto-avaliação de nível de proficiência, grau de uso, vitalidade percebida, atitudes e identificação com relação às línguas utilizadas por 228 participantes (16-28 anos) em duas instituições do ensino médio em Maputo, Moçambique. De acordo com trabalhos anteriores na área da psicologia social da linguagem, foram ainda elaborados e analisados 65 diários linguísticos, assim como entrevistas com 31 dos participantes, dados que permitem a validação das informações fornecidas nos questionários (Sachdev & Hanlon 2001/2002; Lawson & Sachdev 2004).

Quanto à mudança de língua, os resultados preliminares sugerem que as atitudes, bem como a auto-avaliação do nível de proficiência, são em geral mais positivas no que diz respeito ao português em comparação com as línguas

Bantu; o grau de uso do português também é mais elevado se comparado ao dessas línguas, sobretudo, entre o grupo mais jovem (16-20 anos). Quanto aos fatores que podem favorecer a preservação das línguas Bantu, observa-se uma motivação geral para usá-las em maior grau do que hoje são usadas. Além disso, os falantes que aprenderam português e uma língua Bantu antes dos quatro anos tendem a avaliar a sua proficiência como mais elevada e expressam atitudes mais positivas em relação a tais línguas e à língua portuguesa do que os indivíduos que aprenderam apenas uma língua antes dos quatro anos de idade.

Os resultados são muito semelhantes aos do estudo realizado por Álvarez López & Jon-And (2015) em Cabinda, Angola, o que indica a presença de tendências gerais no que tange à difusão do português e à perda das línguas Bantu na África.

## **TER E HAVER NO PORTUGUÊS DE CABINDA (ANGOLA): CONVERGÊNCIAS COM O PORTUGUÊS BRASILEIRO**

---

**Juanito Ornelas de Avelar**

Universidade de Campinas

*juanitoavelar@uol.com.br*

Este estudo focaliza a variação *ter-haver* nas orações existenciais do Português de Cabinda, estabelecendo um panorama comparativo com o que se observa no Português Brasileiro para a mesma variação (Callou & Avelar 2000). Sentenças existenciais com *ter* não são usuais no Português Europeu, o que permite incluí-las no chamado “*continuum* afro-brasileiro do português” (Petter 2009, Galves 2015).

Até agora, foram analisadas 330 orações, extraídas da amostra elaborada por Jon-And, Álvarez-López & Reite (2014), com 42 falantes de português como L1 e L2 em Cabinda. O estudo assume a Teoria de Princípios e Parâmetros, conciliada com ferramentas metodológicas da sociolinguística variacionista, seguindo Adger & Smith (2005) e Tarallo & Kato (1989).

Os resultados preliminares vêm indicando que, como no Português Brasileiro, *ter* (75%) é mais frequente que *haver* (25%) nas existenciais de Cabinda, sem diferenças significativas entre falantes L1 e L2. Outros pontos em comum com o Português Brasileiro são os seguintes:

- i. orações existenciais que trazem um sintagma nominal [+MATERIAL] como argumento desfavorecerem *haver*, que ocorre em apenas 5% desses casos;
- ii. a entrada de constituintes locativos adverbiais em posição imediatamente preverbal favorece *ter*. Esses constituintes ocorrem em 45% dos casos com *ter*, mas não ultrapassam os 10% naqueles com *haver*;
- iii. parte das orações em que *ter* não apresenta um sujeito fonologicamente realizado são opacas quanto à interpretação possessiva ou existencial. No português brasileiro, essa opacidade tem sido atribuída a mudanças no parâmetro *pro-drop*, desencadeadas pela simplificação do paradigma verbo-flexional, com consequências sobre o licenciamento de sujeitos nulos (Avelar 2009, Marins 2013). Ainda não está claro se é possível estabelecer a mesma correlação no Português de Cabinda, embora essa variedade apresente, como será mostrado, sinais de simplificação do paradigma flexional e de inovações relativas à posição de sujeito.

Esses resultados serão situados nos debates sobre o papel que as línguas bantas tiveram (no caso do Português Brasileiro) ou vêm tendo (no caso do Português de Cabinda) na gênese de novas variedades do português. Um ponto a ser destacado é o fato de estruturas possessivas e existenciais poderem, nas línguas bantas, apresentar a mesma forma/expressão verbal (Araújo 2013). Essa propriedade pode ter sido transferida às novas variedades de português e, em conjunto com outras mudanças (por exemplo, alterações no parâmetro *pro-drop* e licenciamento de constituintes locativos adverbiais em posição de sujeito), ter contribuído para a reanálise do possessivo *ter* como um verbo que também serve à expressão de existência.

# O VOCALISMO NA VARIEDADE LINGUÍSTICA DE SANTO ANTÃO: UMA ANÁLISE CONTRASTIVA COM A VARIEDADE DE SANTIAGO

**Maria do Céu Baptista**

Universidade de Cabo Verde

*ceubaptista5@hotmail.com*

**Resumo:** Este artigo propõe desenvolver uma análise sobre o inventário fonológico do sistema vocálico da variedade linguística do cabo-verdiano falada na ilha de Santo Antão, tendo como objetivo descrever a distribuição vocálica em relação ao acento fónico. Na posição tónica, a variedade linguística apresenta um total de 16 fonemas vocálicos sendo 8 orais e 8 nasais. Na posição átona o inventário reduz-se a 10 fonemas sendo 5 orais e 5 nasais. Verifica-se que as vogais tónicas formam um quadro composto de sete vogais que podem ocorrer em sílaba inicial, média e final. As vogais átonas sofrem uma redução dado que as abertas não ocorrem na posição átona. Nas sílabas finais átonas regista-se como vogal em posição final absoluta apenas a ocorrência da vogal média /e/.

Entre as particularidades notáveis desta variedade linguística constata-se a harmonia vocálica, comparando com o português e outras variedades linguísticas do cabo-verdiano, que diz respeito ao lugar de articulação e ao grau de abertura das vogais implicadas e resulta historicamente de uma assimilação – por vezes apenas parcial – de vogais pretónicas a estas características da vogal tónica da mesma palavra.

**Palavra-Chave:** Variedade linguística de Santo Antão, fonologia, vocalismo, vogais tónicas, vogais átonas, harmonia vocálica



# A COMPARISON OF UPPER GUINEA AND GULF OF GUINEA PORTUGUESE CREOLE IDEOPHONES

**Angela Bartens**

University of Turku

*angbar@utu.fi*

Recent years have seen an upsurge of interest in the word class of the para- or sublinguistic level frequently called “ideophones” in the pertinent literature on both creole and non-creole languages (cf., e.g., Biagui 2012; Dingemanse 2011). In this presentation, I am comparing the ideophones of the African Portuguese-lexifier creoles of Upper Guinea, Kabuverdianu and Kriyòl (of both Guinea-Bissau and the Casamance), on the one hand, and those of the Gulf of Guinea, Forro (Araújo & Hagemeijer 2013 can be pointed out as a particularly rich published resource, although it does not specifically focus on ideophones), Angolar, Lung’ie and Fà d’Ambú, on the other.

I will briefly discuss phonological, morphological, syntactic and pragmatic properties and then focus on parallels in the relevant sub-/adstrate languages and the semantic domains the ideophones occur in. Besides the prototypical intensification (or attenuation) of color terms, for instance ‘breaking (into pieces or small particles)’, ‘(rapid) movement’, ‘shining (brightly/softly)’, ‘calm, silence, lack of movement’, ‘fullness, satiation’, ‘heat’, ‘wetness’ and ‘dryness’ are concepts frequently modified by ideophones in the languages in question. As far as sub-/adstrate parallels are concerned, I am suggesting that not only can ideophones be retained from sub-/adstrate languages (see below) but that they quite often constitute areal features (cf. Güldemann 2008) which renders pinpointing a particular single etymology unnecessary.

Due to the controversial status of Bartens’ (2000) type 3 ideophones according to a number of Africanists and Creolists, I am focusing on type 1 and some type 2 ideophones of the mentioned classification nevertheless adopted here, i.e., those ideophones which specify one or, in exceptional cases, a highly restricted number of lexical items and which cannot occur outside this syntacto-semantic collocation.

I am arguing that the distinct morphological makeup of the ideophones of one group of creoles (Upper Guinea Portuguese Creole) compared to that of the other (Gulf of Guinea Portuguese Creole) constitutes a clear manifestation of the phenomenon of ideophones being borrowed in language contact situations (cf. Samarin 325), e.g., from sub-/adstrate languages into creoles.

## LANGUAGE IDEOLOGIES AND USE OF RHOTICS IN THE PORTUGUESE OF SÃO TOMÉ

**Marie-Eve Bouchard**

New York University

*meb641@nyu.edu*

This presentation focuses on the variety of Portuguese spoken in São Tomé, the capital of São Tomé and Príncipe. São Tomé and Príncipe is characterized by its great linguistic diversity, and has been called a “labyrinth and laboratory of languages” (translated from Hagemeijer forthcoming). The official language of the country is Portuguese; it cohabits with three native creole languages, Forro, Angolar, and Lung’ie, as well as the Tonga language, and Cape Verdean creole. Portuguese and the creole languages were for many decades in a diglossic situation that favored the maintenance of the creoles. However, with the independence of the country in 1975, Portuguese became a symbol of national unity and came into more widespread use. As a consequence, a process of linguistic shift has been taking place in São Tomé and Príncipe. Children are now growing up with the local variety of Portuguese as their first language.

The objective of this paper is to discuss the emergence of a Santomean variety of Portuguese (STP), with special reference to one specific feature not found in European Portuguese (EP), i.e. the pronunciation of the uvular fricative /ʁ/ instead of the standard alveolar flap /ɾ/, as seen in the following examples:

- (1) STP: *tu és professora?* (pronounced [pɾɔfesoɾɐ])  
EP: *tu és professora?* (pronounced [pɾufisoɾɐ])  
ENG: you are teacher  
“Are you a teacher?”

- (2)       STP: Ó Brasileira! (pronounced [bʁazil'ejʁɐ]  
          EP: Ó Brasileira! (pronounced [brɛzil'ejɾɐ]  
          ENG: Hey Brazilian  
              “Hey Brazilian!”

In a larger context, this paper also examines the social and ideological phenomena that explain the linguistic choices in São Tomé. For example, why did Santomeans choose to speak Portuguese to their children? What ideologies are related to creoles, Santomean Portuguese, and European Portuguese (the standard variety)?

The results of the sociolinguistic interviews conducted with eight native speakers of Santomean Portuguese show a complex reality in which Santomeans consider Forro to be their mother and cultural tongue although many do not speak it natively and do not transfer it to their children, and in which many consider their variety of Portuguese to be *errado* “wrong” and EP to be *certo* “right”. Furthermore, the results of the quantitative analysis regarding the rhotics show that the greater use of uvular fricatives is an innovation led by young Santomeans from the middle class, who are pride of their Santomean identity.

## THE SPEECH OF THE MAROON COMMUNITY KALUNGA

---

**Ana Paulla Braga Mattos**

Aarhus University

*mattos@dac.au.dk*

This study presents sociolinguistic and linguistic features of the speech of the maroon community Kalunga, Goiás, Brazil.

The number of linguistic studies on the Afro-Brazilian communities has increased in recent years (Vogt & Fry 1996; Lucchesi, Baxter & Ribeiro 2009; Oliveira & Fernandes 2009; Byrd 2012; Ornelas de Avelar & Álvarez López 2015). However, there is no previous linguistic study on the community

of Kalunga. Data collection and studies in this field are very important to understand the linguistic context of the Afro-Brazilian communities and the Brazilian linguistic situation in general.

The aim of this project is to describe the vernacular speech of the Kalunga community and to investigate whether it might preserve strong traces of the linguistic contact that occurred in Brazil. To do so, I analyse sociolinguistic aspects and linguistic features of the speech in the two most isolated villages of the community: *Vão de Almas* and *Vão do Moleque*. The analyses are based on spoken corpora collected using sociolinguistic questionnaire and informal interviews conducted in 2013/2014.

Sociolinguistic analysis of the data shows that the majority of the inhabitants is illiterate and many young people leave the community to study in the surrounding cities, because there are only primary schools in Kalunga. The speakers perceive their speech distinct from the speech of the people of other rural areas outside the community. Some speakers said that the speech differs from village to village also inside the Kalunga community.

The morphosyntactic and phonological features analysed are based on studies on Afro-Brazilian communities, Portuguese varieties in general and other contact varieties. Preliminary results show that the speech in Kalunga presents evidence of strong traces of linguistic contact typical of some Afro-Brazilian communities, such as the lack of person marking in first person singular in the VP, the use of subject pronouns to indicate possession, and lack of noun-adjective gender agreement. The Kalunga speech also presents traits of rural Brazilian Portuguese variety, such as double negation, bare plurals, paragogic vowels, but more frequent in the first than in the late. Some lexical items from Bantu are also present in the data analysed, but so far the data collected shows less of these than in the community of *Cafundó* (Vogt & Fry 1996).

The results of the study contribute to the linguistic and cultural documentation of the Kalunga marron community in particular and on the comparative research of Afro-Brazilian communities in general.

# EDUCAÇÃO BILINGUE CABOVERDIANO- PORTUGUÊS: A AQUISIÇÃO DO SISTEMA PRONOMINAL

**Ana Josefa Cardoso**

CLUNL - Universidade Nova de Lisboa

*ajgc1969@gmail.com*

O bilinguismo caboverdiano encontra-se em construção (Veiga, 2004) e a sua consolidação passa necessariamente pela introdução da língua materna no ensino. Vários estudos referem as vantagens da educação bilingue (Bialystok, 2006; Garcia, 2010), mostrando que a educação em língua materna facilita e beneficia a aprendizagem da L2.

Em Cabo Verde, apesar da sua exclusividade no ensino, o português continua a ser a língua de constrangimento e o seu domínio é problemático (Rosa, 2010; Lopes, 2011).

Com a aprovação do Ministério de Educação e Desporto, em setembro de 2013, iniciou-se em Cabo Verde uma experiência-piloto de educação bilingue em duas escolas do ensino básico, na Ilha de Santiago. Nestas salas de aula, tanto o português como o caboverdiano são objeto de estudo e veiculam os conteúdos curriculares de outras áreas, promovendo assim, não apenas o bilinguismo, mas também a biliteracia (Kabuto, 2011; Kenner, 2011).

É neste contexto de educação bilingue em que há um ensino explícito da gramática da do caboverdiano (L1) e do português (L2) que estamos a estudar a aquisição dos sistema pronominal de português L2, tendo em conta as representações sintáticas e os valores paramétricos que distinguem as duas línguas, com base nas descrições do sistema pronominal do caboverdiano apresentados por Veiga (1995, 2000), Baptista (2002) e Pratas (2004, 2007). Não tivemos conhecimento de estudos de aquisição relativos ao caboverdiano, a não ser o de Pratas (2009) relativo à aquisição do parâmetro do sujeito nulo.

Neste estudo, demos o enfoque à produção de sujeitos nulos, pronomes clíticos de objeto direto e contextos reflexivos. Os dados foram recolhidos com base

em tarefas de produção elicitada de frases a partir de imagens junto de alunos das turmas bilingues e da turma de controlo (ensino apenas em português).

Durante esta comunicação far-se-á uma breve apresentação desta experiência-piloto e serão ainda apresentados resultados referentes aos dados recolhidos durante os dois primeiros anos desta experiência relativamente aos tópicos referidos sobre a aquisição do sistema pronominal do português L2 por estes alunos do ensino básico.

## O ESTRATO INDO-PORTUGUÊS DO INDO-FRANCÊS

---

**Hugo Cardoso**

Universidade de Lisboa

*hugocardoso@gmail.com*

A questão da influência do português na formação das variedades de francês da Índia não é recente mas é ainda insuficientemente entendida. Numa recolha de empréstimos portugueses nas línguas da Ásia, Dalgado (1913: lxxviii) identifica 62 itens no “Indo-Francês”, admitindo, contudo, que essa lista estaria incompleta. Neste estudo, proponho alargar o âmbito de análise para além do léxico, observando certas estruturas que conhecemos de descrições do Francês de Pondicherry (FP).

Em Pondicherry, a comunidade conhecida como *Créole* preserva a língua francesa até hoje. O FP é sociolinguisticamente estratificado, com os *Haut Créoles* ‘Crioulos Altos’ a falar uma variedade próxima do francês padrão e os *Bas Créoles* ‘Crioulos Baixos’ uma variedade mais afastada (Kelkar-Stephan 2010). Os poucos estudos descritivos de que o FP foi objecto (Tirouvanziam-Louis 1994; Kelkar-Stephan 2005; 2010) tendem a explorar a influência do Tâmul – língua dominante da região – nestas variedades e, no capítulo do contributo português, apenas identificam um pequeno número de empréstimos lexicais. Contudo, é um facto, assinalado já por Hugo Schuchardt (1889), que as colónias francesas na Índia albergaram significativas comunidades indo-portuguesas

até ao final do séc. XIX. Numa carta a Schuchardt (1882), o linguista Julien Vinson, natural de Pondicherry, confirma este dado para o território. Como em descrições mais antigas os *Bas Créoles*, actualmente francófonos, são identificados precisamente com essa comunidade indo-portuguesa, levanta-se a hipótese da influência de um crioulo de base portuguesa no FP por retenção num contexto de *shift*. Esta hipótese é aqui invocada para explicar os contextos de ocorrência da preposição francesa *pour* em FP, que introduz Objectos Indirectos (1a) e Directos (1b) bem como completivas não-finitas (1c):

- (1)
  - a. *donner pour les personnes.*  
 dar.INF *pour* ART.DEF.PL pessoas  
 ‘Dar às pessoas.’ (Kelkar-Stephan 2005: 81)
  - b. *Il a accusé pour moi d’avoir volé sa montre.*  
 3sm ter.PST.3s acusar.PTCP *pour* 1s de.ter.INF roubar.PTCP  
 seu relógio  
 ‘Ele acusou-me de ter roubado o seu relógio.’  
 (Tirouvanziam-Louis 1994: 209)
  - c. *Il aime beaucoup pour jouer au tennis.*  
 3sm gostas.PRS muito *pour* jogar.INF a ténis  
 ‘Ele gosta muito de jogar ténis.’ (Tirouvanziam-Louis 1994: 236)

O Tâmul faz uma distinção formal entre os casos dativo e acusativo (Schiffman 1999), pelo que não pode explicar o sincretismo de objectos directo e indirecto. O francês padrão também não admite a distribuição demonstrada em (1), mas os crioulos indo-portugueses do Sul da Índia utilizam um morfema gramatical derivado do português *para* (ou *por*) em todos estes contextos (Clements 2009; Cardoso 2014).

# ACQUISITIONAL ACCOUNT OF TYPOLOGICAL SIMILARITIES IN PIDGIN AND CREOLE LANGUAGES

---

**Clancy Clements**

University of Indiana

*clements@indiana.edu*

An on-going debate in Pidgin and Creole Linguistics involves the question whether stabilized pidgins and creoles (P&Cs) should be considered ‘exceptional’ languages or not. One approach to argue for P&Cs being ‘exceptional’ has been typological, with two strands of research. The first was initiated by McWhorter (1998, 2001, 2005) in which the attempt was made to show that P&Cs can be defined by using a limited set of traits. This strand has had problems, but generated considerable discussion. The second strand grew out of the first, developed by a number of researchers (e.g. Peter Bakker, Aymeric Markusson, Mikael Parkvall among others), who have incorporated the use of phylogenetic trees developed for biology but applied to linguistic forms and structures gleaned from online data bases such as the World Atlas of Language Structure and Atlas of Pidgin and Creoles. The advantage of this research is that it deals with a large number of languages and features, but one disadvantage has been that the individual features making up the feature cluster that distinguish P&Cs from non-P&Cs have not been identified.

The other approach has been to look at how acquisition takes place in naturalistic, untutored settings where speakers of two or more languages have to communicate but do not share a common language. In this talk, data from Portuguese-, English-, French-, Portuguese-, and Spanish- lexified contact varieties is examined, guided by the questions of how form selection, L1 transfer, and structure formation took place in each of them. The research suggests that the outcomes of principal syntactic structures, functional element creation, and form selection is predictable to a large extent by appealing to certain L2 acquisition patterns involving mapping tendencies due to frequency of occurrence of a form in discourse, its perceptual salience, and general syntactic structures



that develop due to pragmatic and semantic constraints. It is suggested that this perspective accounts for many commonalities in P&Cs, and the cluster of features that emerge are probably at least some of those that define P&Cs as distinctive.

## O CABO-VERDIANO COMO LÍNGUA DE WH MOVIDO E NÃO DE WH IN-SITU- UMA EVIDÊNCIA COM CONSTRUÇÕES-WH DE VERBOS INACUSATIVOS

Emanuel Correia de Pina

Universidade de Lisboa

*emanuel.pina@docente.unicv.edu.cv / imapina60@gmail.com*

**Resumo:** Em Chomsky (1977), propõe-se a teoria geral sobre os sintagmas-*wh* no que diz respeito ao seu movimento para uma posição específica na estrutura da frase: a posição do Sintagma Complementador. A ideia central é a de que os sintagmas-*wh* se comportam como quantificadores e sofrem o movimento sintático, apesar da possibilidade de muitas línguas exibirem esses elementos-*wh* fora da posição de complementador. Com base nesta proposta de Chomsky, na literatura linguística, as línguas são repartidas em: línguas de *WH* movido e língua de *WH in-situ*. Nestas, as Construções-*WH in-situ* são geralmente classificadas com a propriedade particular de expor as palavras-*wh* (aparentemente) na posição de base onde são gerados. Nesta ordem de ideias, Cheng (1991) afirma que uma língua com construções que geram uma partícula-*wh* será, aparentemente, uma língua sem movimento-*wh*. Isto é, a presença de uma partícula-*wh in-situ* serve o propósito de testar o seu movimento sintático (Cheng 1991, p. 25, tradução minha). Em Alexandre (2009), assume-se que em Cabo-Verdiano (CV), em contextos duma frase matriz, sintagmas-*wh* podem ocorrer na posição *in-situ* com interpretação de pergunta-eco e com a maioria dos pronomes-*wh*. Mas, diversamente desta proposta, neste artigo, mostrar-se-á, através do comportamento de verbos inacusativos, que não há tipicamente construções interrogativas-*wh in-situ*, nesta língua e que a única

exceção aparente a essa regra parece, no entanto, realizar-se no contexto em que ocorre o verbo de cópula *ser* ‘ser’ no presente com o constituinte-*wh modi* ‘como’ na expressão de saudação ou em alguns contextos de frase matriz em que ocorre o presente desse verbo. Ou seja, em CV, ocorre o *WH* movido e não *WH in-situ*.

## A INSTABILIDADE DOS RÓTICOS NO PORTUGUÊS DE SÃO TOMÉ

**Sílvia Figueiredo Brandão**

Universidade Federal do Rio de Janeiro

*silvia.brandao@terra.com.br*

No Português de São Tomé (PST), há alto grau de instabilidade na produção dos róticos, não se verificando, na fala de muitos indivíduos, o mesmo tipo de distribuição de segmentos que se verifica no Português Europeu (PE) e no Português do Brasil (PB), em que ocorrem dois fonemas róticos. Em alguns casos, a neutralização entre esses dois fonemas se dá mesmo no contexto intervocálico, em que, nas demais variedades do Português, se obtém distinção significativa (*carro* x *caro*). Tal quadro parece derivar do fato de o Forro, o crioulo mais falado na área, não ter em sua gênese nenhum rótico: quando da formação desse crioulo, os róticos dos itens lexicais do Português a ele incorporados foram reinterpretados como lateral alveolar – como em *faluza* (ferrugem) e, *ficicelo* (feiticeiro) – ou foram apagados – como em *soci* (sorte) (FERRAZ, 1979: 22-23). Só muito recentemente, itens lexicais com róticos passaram a constituir o léxico do Forro.

A análise que aqui se apresenta tem como objetivo discutir os condicionamentos estruturais e sociais que condicionam o uso do tepe alveolar e da vibrante alveolar, as duas variantes mais produtivas na fala urbana de São Tomé. A pesquisa norteia-se pelos pressupostos teórico-metodológicos da Teoria da Variação e Mudança (WEINREICH, LABOV & HERZOG, 1968), e tem como base

dados selecionados de entrevistas pertencentes ao *Corpus* VAPOR, do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa e realizadas com indivíduos naturais de São Tomé, que têm o Português como L1. Os informantes distribuem-se por sexo, três faixas etárias e três níveis de escolaridade. Organizaram-se três amostras, correspondentes ao (a) contexto intervocálico (i) dados com R forte e (ii) dados com R fraco e (b) ao contexto pós-vocálico. Nas análises variacionistas, controlaram-se variáveis de natureza estrutural e, ainda, em todos os contextos, as variáveis sexo, faixa etária, nível de escolaridade e frequência de uso de um crioulo, esta última no intuito de verificar as possíveis interferências do Forro nas concretizações registradas.

Os resultados das análises demonstram que o PST, de um lado, adota de forma imperfeita as normas de pronúncia do PE (vibrante alveolar e tepe, nos contextos pré-vocálicos e pós-vocálico medial), e, de outro, apresenta características que poderiam decorrer da influência do Forro. As variáveis sociais, sobretudo *nível de instrução* e *frequência de uso de um crioulo*, mostraram-se altamente salientes para a definição desse quadro.

## ANÁLISE COMENTADA DO MANUSCRITO “GUIA DE CONVERSAÇÃO PORTUGUESA PARA USO DOS LIBOLOS”, DO PADRE RENÉ ROBERT

---

<sup>(i)</sup> Carlos Filipe Guimarães Figueiredo, <sup>(ii)</sup> Margarida Maria Taddoni Petter,  
<sup>(iii)</sup> Vanessa Martins do Monte

Universidade de Macau, Universidade de São Paulo  
*carlosgf@umac.mo, mmtpetter@usp.br, vmmonte@gmail.com*

Após chegarem a Angola, em 1482, os portugueses instalaram-se em áreas costeiras, criando uma economia assente no comércio de escravos (Caldeira, 2013:211-212) e uma situação de diglossia linguística: nos centros urbanos costeiros, uma elite minoritária afro-portuguesa falante do português; nas zonas rurais, uma comunidade nativa maioritária, monolingue em línguas autóctones (Figueiredo&Oliveira, 2013:116). Nas áreas não controladas pelos portugueses,

como o actual Município do Libolo, região do interior-centro, Província do Kwanza-Sul, intensificou-se o comércio clandestino de escravos por negreiros holandeses, de São Tomé e do Brasil (Figueiredo, a sair).

A ocupação do interior aconteceria depois da independência do Brasil (1822) e do fim do comércio escravagista (1836-1842), tendo a chegada de militares portugueses e de missionários franceses da Congregação do Espírito Santo ao Libolo ocorrido em 1893. A colonização tardia permitiu aos autóctones preservarem tradições socioculturais milenares e marcas linguísticas específicas, patentes na vitalização da língua nativa, o quimbundo ngoya (ainda por estudar), e em transferências lexicais/morfossintáticas deste para o português da região (Figueiredo & Oliveira, 2013:125).

Em 2013, os pesquisadores do “Projeto Libolo” iniciaram pesquisas histórico-antropolinguísticas no Libolo, recolhendo dados de fala das duas línguas da região. Posteriormente, foi achado um manuscrito raro e desconhecido em ngoya/português, elaborado em 1923 pelo padre René Robert, pioneiro na evangelização do Libolo: o Guia de conversação portuguesa para uso dos libolos pelos missionários da Missão Católica de Calulo. O documento contém uma gramática detalhada do ngoya e uma lista de vocabulário anotado ngoya/português, encontrando-se em fase de edição semidiplomática pela equipa de filologia do “Projeto”.

Neste trabalho, apresentar-se-á o manuscrito (e seu autor) e analisar-se-á o mesmo, dada a sua importância quer para o estudo da gramática diacrónica do ngoya quer para entendimento da participação desta língua na emergência do português falado no Libolo, em Angola e no Brasil. O vocabulário do “Guia”, juntamente com o dos dados de fala colectados, permitirá, por exemplo, testar a validade científica das informações concernentes ao léxico quimbundo incorporado no português do Brasil. A gramática do “Guia”, comparada com a registada nos dados de fala, ajudará, por exemplo, a entender o funcionamento dos afixos (morfemas gramaticais) do ngoya com referência à forma e função em quimbundo. Finalmente, o manuscrito permitirá observar também estruturas de construções sintáticas semelhantes às que se encontram no português do Brasil (p.ex. realizações passivas), ou seja, de capital importância para os estudos de sintaxe das variedades de português de Angola e do Brasil.

## PORTUGUESE FEATURES IN CUWABO (BANTU P34, MOZAMBIQUE)

Rozenn Guérois

SOAS - University of London

rg38@soas.ac.uk

The study of Mozambican Portuguese has received considerable attention in the literature, particularly with regard to the developments it underwent under the influence of Mozambican languages (Ngunga 2012, Ashby & Barbosa 2011, Gonçalves 2009, 2010, Gonçalves & Chimbutane 2004, Ruge 2000, Gonçalves & Siteo 1999, among others). Conversely, the reverse situation whereby Portuguese has had an impact on local Bantu languages has been less documented, except maybe as far as lexicon is concerned (Ngunga 2009, Prata 1983).

This talk investigates the main outcomes of diglossia between Portuguese as ‘High’ (H) and Cuwabo as ‘Low’ (L), referring to Ferguson’s (1959) terminology. Cuwabo is spoken North Mozambique (classified as P34 by Guthrie (1967-71)), around the district of Quelimane, a site of economic crossroads during the colonial period, which resulted in a long history of contact with Portuguese. Although it is one of the five dominant Mozambican languages in terms of its percentage of native speakers (6.3% of the Mozambican population (2007 census)), Cuwabo is perceived as a minority language, underprivileged when compared to Portuguese, which is a *lingua franca* across Mozambique. Most Cuwabo speakers are bilingual in Portuguese. Such a diglossic juxtaposition entails a set of inter-system dynamics, which affect the lexicons, phonologies, morphologies and grammars of the two languages in contact. In this talk, I present several cases of interference exerted by Portuguese on Cuwabo morphosyntax, some of which challenge the typological features of the recipient language. For instance, in (1), the quantifier *kadda* ‘each, every’, borrowed from Portuguese *cada*, not only remains invariable but also precedes the noun, which is opposed to the behaviour of ‘native’ quantifiers in Cuwabo. In (2), the verb form *tém ke*, borrowed from the Portuguese periphrastic construction *ter que*

‘have to’ (to convey a sense of obligation or necessity), is used in an impersonal form and thus does not exhibit a subject marker as expected.

- (1) **kádda** mú-ttú [o-ní-dh-á]<sub>REL</sub> o-ní-íl-a  
each 1-man SM1-IPFV-COME-FV SM1-IPFV.CJ-say-FV  
‘everyone who comes says [...]’ (Guérois 2015)
- (2) agóra **tém ke** ddi-rúl-e gúwo  
now have.to SM1SG-undress-SBJ 9a.cloth  
‘Now, I have to take my clothes off.’ (Guérois 2015)

For each case under discussion, the question of the productivity of the borrowed form as well as its status (e.g. co-occurrent with a pre-existing form or not) within the recipient language will be assessed.

By examining the effects of Portuguese on Cuwabo, this study aims to: 1) further describe the linguistic outcomes of a prolonged contact between superstrate and substrate languages; 2) document current findings for the long-term monitoring of language contact effects in Mozambique; 3) feed into the on-going reflection on the matter of ‘linguistic variation and change’ that is processed through language contact.

## STATE OF THE RESEARCH ON PAPIAMENTU AND ITS GENETIC TIES WITH UPPER GUINEA

---

**Bart Jacobs, Nicolas Quint**

University of Leiden, LLACAN - Paris

*bartjacobs3@googlemail.com*

In this paper we discuss the state of the research on the origins of Papiamentu and its genetic ties with the three Portuguese-based creoles from the Cape Verde Islands, Guinea-Bissau and Casamance/Senegal. The paper will be divided in four parts:

First we provide a brief overview of the most salient linguistic findings presented in Martinus (1996), Quint (2000) and Jacobs (2012), i.e. those findings

that we think constitute the foundations of the hypothesis that Papiamentu is a direct descendent of, and thus genetically related to, the Upper Guinea Creoles.

The second part highlights some remarkable lexico-semantic correspondences between the creoles which have hitherto gone unnoticed in the literature.

Thirdly, we give a summary of the most relevant historical connections between Upper Guinea and Curaçao, the sum of which we think accounts for the language transfer from Upper Guinea to the ABC Islands in the second half of the 17<sup>th</sup> century.

Fourth and finally, we discuss why, in phylogenetic networks presented in recent creole typological works such as Bakker et al. (2011), Daval-Markussen (2013 and elsewhere) and Rubin, (forthcoming), Papiamentu seems to cluster closer to the Gulf of Guinea Creoles than to the Upper Guinea Creoles.

## PAST TENSE MARKING IN GUINEA-BISSAU KRIYOL AND SOTAVENTO CAPE VERDEAN: A POSITIONAL PUZZLE

Alain Kihm

Centre National de la Recherche Scientifique, Université Paris Diderot - Paris 7

*alain.kihm@linguist.univ-paris-diderot.fr*

**1. The data:** In Guinea-Bissau Kriyol (GB) and Sotavento Cape Verdean (CV<sub>s</sub>) (Kihm 1994; Baptista 2002) the past tense exponent is /ba/: cf. GB *N kanta ba* 'I had sung', *N sibi ba* 'I knew', CV<sub>s</sub> *N kantaba* 'I had sung', *N sabêba* 'I knew'. CV<sub>s</sub> /ba/ only follows verbs. GB *ba*, follows all kinds of predicates:

(1) *I marinheru ba.* GB

3SG.S sailor PST

S/He was a sailor.

(2) *Si i ka sin ba...* GB

if 3SG.S NEG SO PST

If it wasn't so...

The CV<sub>s</sub> equivalents of (1) and (2) involve an inflected copula *era* ‘was/were’.

CV<sub>s</sub> /ba/ must be adjacent to V; GB *ba* may be separated from it by a complement. Object clitics MUST appear between V and /ba/:

- (3) *Nkanta-l ba.* GB

1SG.S sing 3SG.O PST

I had sung it.

Many speakers find it acceptable to insert an NP or adjunct between V and /ba/:

- (4) *N tene bu foto tudu ba.* GB

1SG have 2SG.POSS picture all PST

I had all your pictures.

- (5) *I tarbadja na un banku ba.* GB

3SG.S work in a bank PST

S/He had worked in a bank.

The size of the intrusive XP is limited: a noun with at most one or two short modifiers or a minimal PP. The same speakers also produce *N tene ba bu foto tudu*, etc.

In CV<sub>s</sub> one would expect \**Nkantaba-l* ‘I had sung it’ to be grammatical, but it isn’t. The object pronoun must appear as the strong form *el* (*Nkantaba el* ‘I had sung it’).

**2. The separability issue in GB:** I assume GB /ba/ to be a phrasal clitic similar to English ’s (Anderson 1992, Chapter 8) linearized at the right edge of the predicate phrase. There is variation as to the speakers’ assessment of the phrase domain. For an increasing number of speakers it is limited to the verb complex (VC), i.e. VP (subject index + polarity + TMA + V) minus complements, but including object clitics. Many speakers additionally go for the whole VP, subject to a length constraint (compare Huddleston & Pullum 2002 about English ’s.)

**3. The object clitic issue in CV<sub>s</sub>:** I assume CV<sub>s</sub> /ba/ to be a simple enclitic (Zwicky 1977). Why is \**Nkantaba-l* excluded? Baptista (2002:233-234) provides



a transformational syntactic account. Assuming obligatory adjacency of object clitics to the verb stem, /ba/ inflection precludes it, forcing the strong form. But why should clitics be sensitive to inflection in the host? They usually aren't.

A morphological account is likely to be more adequate. Assuming /ba/ and object clitics to be simple clitics allows for an account in terms of clitic clusters, excluded in many languages, including CV<sub>s</sub> and GB. Attaching an object enclitic to a verb then precludes attachment of enclitic /ba/, with the upshot of making past tense inflection impossible. Not being able to add an object enclitic to a past marked verb is not problematic, in contrast, since recourse may be had to strong pronouns.

**4. A possible explanation:** Time permitting, a tentative historical explanation for the difference between GB and CV<sub>s</sub> will be provided.

## CAPE VERDE & THE ANTILLES: TWO ARCHIPELAGOES IN A CONTACT ZONE

---

**Alla Klimenkowa**

University of Erlangen-Nuremberg

*alla\_klimenkowa@freenet.de*

The first direct link between Africa and the Americas was embodied in the relationship between Santiago of Cape Verde and Hispaniola. In 1525-1526, Santiago and São Tomé dispatched the first slave vessels to the Great Antilles, thus initiating a regular transatlantic traffic directly from Africa (cf. TSTD). Beyond the aspects of the slave trade, these events shaped the foundation of a historically unique macroecological setting resulting from an intense interaction between diverse cultural and linguistic communities. Due to their characteristic contact openness, the Caribbean and Cape Verde obtained a fundamental role in a multinational communicative space stretched between geographically very distant regions. Bearing in mind the speakers' high mobility, we cannot, however, apply conventional geographical criteria in this context. Nor can we delimitate a new discourse community along linguistic borders.

“Linguistory” (Stephens 2000) provides the best proof for this state of affairs with the Ibero-Romance vocabulary of slavery accumulated already in Iberia and enriched due to a common experience of Portuguese and Spanish overseas. This vocabulary pool provided speaker groups crucially involved in the colonial enterprise with templates of fitting terms, such as *crioulo/criollo*, *boçal*, *ladino*, *mulato*, etc. Thus, it is not surprising to find linguistic similarities on opposing sides of the Atlantic. Besides racial categories and identity markers (cf. pt. *filho/branco da terra* vs. sp. *hijo de la tierra*, *blanquito* for mulattoes), we discover further examples of concepts and expressions of different etymology migrating across this space. Travel literature (cf. anonymous pilot; La Courbe; Roberts) and Jesuit letters from Cape Verde and Upper Guinea recorded names of Antillean plants and animals (cf. *maíz*, *gouyaves*, *patate*, *manatí*, *iguana*, etc.). The other way around, lexemes from the West African coast, such as *yam*, *tangomao*, or *muleque* circulated also on the Antilles (cf. Thevet; Capuchin missionaries). Furthermore, in the first half of the 16<sup>th</sup> century, both Antillean and Cape Verdean society did not link skin color with the legal status of a person (cf. Green 2012). By contrast with the contemporaries, only few know today about these analogies.

Departing from lexical data, this talk applies the contact zone-concept (cf. Pratt 1992) to the situation of language contact in question, focusing on a common ecolinguistic frame of communication. The contact zone-concept enables to grasp language contact in the *gestalt* of a social and linguistic experience space with its typical, historically emerged components, actors, and political, economic, socio-cultural, as well as linguistic prerequisites.

## ANTÓNIO JOAQUIM RIBEIRO – O PRIMEIRO INFORMANTE DE SCHUCHARDT EM CABO VERDE

---

**Jürgen Lang**

Erlangen-Nuremberg

*juergen.lang11@gmx.de*

Os investigadores do crioulo caboverdiano estão familiarizados com Joaquim Vieira Botelho da Costa, Custódio José Duarte e António de Paula Brito graças aos seus trabalhos sobre o caboverdiano publicados no *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*, em 1886 e 1887. As suas obras foram resenhadas em 1887 e 1889 por Hugo Schuchardt a quem o de Costa/ Duarte fora aliás dedicado. Supomos ser muito menos numerosos os crioulistas que conhecem António Joaquim Ribeiro, embora fosse ele o primeiro informante de Schuchardt com residência em Cabo Verde e apesar da publicação, em 1888, por Schuchardt de uma série de textos no crioulo de Santiago que lhe tinham sido enviados por Ribeiro.

A correspondência de Schuchardt com Ribeiro remonta aos anos 1881 a 1883. Durou pouco, mas foi intensa. O Hugo Schuchardt Archiv de Graz, conserva sete cartas de Ribeiro acompanhadas de material linguístico ou etnográfico. Nelas, Ribeiro menciona sete cartas e dois bilhetes postais que recebeu de Schuchardt no mesmo lapso de tempo, mas cujo paradeiro se desconhece.

Na minha contribuição, tencionarei responder às seguintes perguntas:

- Quem foi António esse Joaquim Ribeiro?
- Que materiais enviou a Schuchardt?
- Porquê cessaram os contatos entre Schuchardt e Ribeiro abrupta e definitivamente em Janeiro de 1883?
- Quais as observações linguísticas de maior interesse relativamente ao crioulo de Santiago – retomadas ou não por Schuchardt - que devemos a Ribeiro?

# LÍNGUAS CRIOULAS E O PORTUGUÊS AFRO-BRASILEIRO, UMA HISTÓRIA DE CONTATO?

**Fernanda Maciel Ziober**

Vrije Universiteit Amsterdam

*fernandaziober@gmail.com*

Sabe-se que a língua portuguesa no Brasil e em Portugal tomaram rumos diferentes, tanto na sua fonética e fonologia, quanto na morfologia e sintaxe (GALVES, 2001; CASTILHO, 2010, p. 192). Na literatura, algumas dessas diferenças tem sido associadas ao contato com línguas indígenas e línguas africanas (PETTER, 2008a; NOLL, 2008). Entretanto, entender quando, como e quais foram os resultados linguísticos de cada contato ainda é uma área de pesquisa em ascensão (MATOS E SILVA, 2004). Centrando-se no aspecto do contato e à semelhança da formação das línguas crioulas da África, do Atlântico e da Ásia, tem-se atribuído papel de grande relevância na aquisição parcial e informal do português por falantes adultos e sua consequente/subsequente aquisição pelos descendentes destes falantes (LUCCHESI; BAXTER; RIBEIRO, 2009; PETTER, 2008b). Pela sua proximidade socio-histórica, o português brasileiro também foi comparado às línguas crioulas da Alta Guiné e do Golfo da Guiné (MOURA & SIBALDO, 2013), e os resultados de tais pesquisas tem demonstrado semelhanças de comportamento morfossintático entre tais línguas.

Esta pesquisa busca dar um novo olhar a essa relação apontando discussões históricas sobre a possível origem comum do entrecruzamento identitário da cultura afro-brasileira e das culturas crioulas do Atlântico (BERLIN, 1998; MILLER, 2010), e, expandindo esse entendimento para a contribuição das línguas crioulas na formação do português brasileiro de forma direta, mais especificamente para o português do nordeste do Brasil, e a sua subsequente dispersão para outras áreas do Brasil por migração interna proveniente da venda de escravos, africanos ou afro-brasileiros, em território brasileiro (KLEIN, 1969). A hipótese aqui presente não anula o processo da aquisição parcial do português por africanos, crioulos e indígenas, ela apenas estende a possibilidade

de que características semelhantes entre o português brasileiro e os crioulos portugueses da África não sejam fruto de um mesmo processo socio-histórico que teria resultado nas mesmas características linguísticas, mas sim resultado de um contato prolongado entre tais línguas.

A discussão linguística sobre tal contato se realiza pelo método comparativo e se fundamenta nos aspectos históricos e descritivos da genalogia das línguas crioulas do Golfo da Guiné (QUINT, 2001; BIANGUI & QUINT, 2013; HAGEMEIJER, 2011, 2015) e da genealogia das línguas crioulas da Alta Guiné (JACOBS, 2010, 2009) em comparação aos dados de português histórico escrito por africanos e afro-descendentes durante o século XIX (OLIVEIRA, 2006; ZIOBER, 2014), e de português falado em comunidades quilombolas.

## ***AQUI TENS, AGORA DIGA LÁ: KABUVERDIANU E PORTUGUÊS EM CONTACTO***

**Tiago Mouta, Dominika Swolkien**

Universidade Aberta, Universidade do Mindelo

*tiagomouta17@gmail.com, dominika.sousa@uni-mindelo.edu.cv*

A variedade do cabo-verdiano da ilha de Santiago é, sem dúvida, a mais bem estudada de todas as variedades diatópicas da língua (Baptista 2002, Lang 2002, 2009 e 2013, Lang *et al.* 2002, Pratas 2007, Quint 2008, Alexandre 2009). Recentemente, tem-se evidenciado um crescente interesse em descrever e documentar outras variedades da língua cabo-verdiana, como a da Brava (Baptista 2013), Maio (Moreira 2014) e, especialmente, as variedades de Barlavento, como a de Santo Antão (Baptista 2014), São Nicolau (Lopes 2012) ou São Vicente (CSV) (Swolkien 2013). Cresce, igualmente, o número de obras dedicadas à descrição do português de Cabo Verde (PCV) (Jon-And 2011, Lopes 2011), o qual parece distanciar-se da norma do português europeu (PE).

Contudo, a comunidade de crioulistas e os investigadores interessados em português língua segunda (L2) têm trabalhado de forma relativamente isolada. Neste artigo, pretendemos unir essas duas vertentes de investigação.

Partindo da literatura disponível acerca do PCV e de um vasto *corpus* escrito em português L2, produzido por estudantes de instituições de ensino superior em São Vicente, descrevemos e analisamos o uso do registo formal e informal, a área crítica do PCV que, a nosso ver, se reveste de maior relevância. Para lá de não se constituir como área problemática na aquisição de português L1, em Portugal, e de, em Cabo Verde, transparecer até no discurso dos falantes mais experientes de português L2, a complexidade desta área reside, essencialmente, no seu carácter transversal entre aspetos morfosintáticos (*e.g.* formas verbais, imperativo, seleção pronominal, verbos pronominais), aspetos discursivo-pragmáticos (*e.g.* pronomes de tratamento), e até mesmo aspetos relacionados com a configuração da deixis social (Siewierska 2004).

Os dados do PCV, que provêm tanto da literatura publicada como do trabalho de campo realizado na ilha de São Vicente, são contrastados com as estruturas do CSV, a língua materna (L1) dos estudantes. Assentando numa perspectiva teórica da linguística de contacto (Thomason 2001, Winford 2003, Matras 2009), identificamos os principais mecanismos que podem explicar as características do PCV, variedade emergente cuja aquisição enquanto L2 é marcada por interferências da L1 e por um papel relevante do português do Brasil (PB).

Finalmente, na senda do debate acerca das políticas educativas em Cabo Verde (Lopes 2003, Batalha 2004, Baptista *et al.* 2010, Rosa 2010, Cardoso 2014, Veiga 2014, Lopes 2016), sublinhamos a importância pedagógica do ensino da L1 para melhorar as competências e o domínio da L2 no grupo de falantes em foco.

# O SINTAGMA NOMINAL NO PORTUGUÊS VERNACULAR DE MACAU: A QUESTÃO DA CONCORDÂNCIA

**Ana Margarida Nogueira da Silva**

Universidade do Porto

*s.anamargarida@gmail.com*

No início do século XVI, os portugueses chegam ao Delta das Pérolas e fundam as bases do que se veio a tornar num entreposto comercial de trocas de especiarias, sedas da China e prata do Japão (Newitt, 2005: 147). Contudo, não foram apenas os produtos que chegaram. Com eles vieram também inúmeras pessoas de diferentes condições e oriundas dos mais diversos locais onde os portugueses já se tinham estabelecido, nomeadamente, africanos, indianos, malaaios que se juntaram aos portugueses e aos locais. Desta confluência multicultural e plurilíngue, marca indelével do território segundo Baxter (2009: 277), emerge e desenvolve-se o patuá, o crioulo local que coabita com o português e se mantém até aos primórdios do século XX, quando começa a decair em detrimento da língua europeia, considerada a língua de prestígio.

Contudo, este português usado pela comunidade local é diferente daquele que é falado pelos portugueses, uma vez que a comunidade local é por definição poliglósica. Na verdade, alguns estudos, nomeadamente os de Correia (1999) e Gráfová (2013), vão ao encontro da clarificação linguística do território feita por Baxter que afirma “que o português existe numa situação diglósica, em realidade o português (padrão) e o chinês (mandarim e cantonês) [e] constituem distintas variedades altas em relação a outras variedades linguísticas locais que são o português de Macau e o cantonês vernáculo.” (Baxter, 2009: 279-280).

Este trabalho centra-se no referido “português de Macau” (PM) e, assumindo as palavras de Batalha (1974: 50) segundo as quais “o aspecto sintático é aquele em que o falar local mais se distingue do português metropolitano”, pretende clarificar se a concordância no interior do Sintagma Nominal (SN) é uma dessas características dissonantes. Assim, se no PE, o SN tem um núcleo

preenchido por um nome e pode ter outros elementos tais como complementos, determinantes ou quantificados e modificadores (Brito, 2003: 329), formando, assim, a estrutura lexical da categoria SN e esta é marcada por mecanismos de concordância interna entre todos estes elementos que a compõem; no PM, que segue a mesma estrutura lexical do PE, Correia (1999: 75-76) diz que existe uma não concordância em género e/ ou número entre esses elementos, tal como já referira e exemplificara Diez (1981: 104-106):

(1) “os interesses cultural, morais e económico”

Esta clarificação permitirá ainda aferir se esta característica morfossintática decorre apenas e efetivamente do patuá e do cantonês (Baxter 2009: 302).

## **‘ONDE’ NÃO INTERROGATIVO EM COTEJO EM DUAS LÍNGUAS REESTRUTURADAS**

**Marcia Santos Duarte de Oliveira, Fernanda Maciel Ziober, Vanderlei Maurer**

Universidade de São Paulo

*vanderlei.andrade@usp.br, maluzanoli@yahoo.com.br, márcia.oliveira@usp.br*

Neste trabalho, propomos o cotejo entre duas línguas reestruturadas (no sentido de HOLM, 2004):

(i) o português do Libolo, Angola (PLB) – ver Figueiredo & Santos (2014);  
(ii) o cabo-verdiano de São Nicolau (CSN) – ver Zanoli (2015). Seguimos Svartman et al (2015) (entre outros) que apresentam dados relacionados a orações relativas e às denominadas “clivadas” no CSN. Esses autores ratificam duas estruturas prosódicas distintas, associadas a dois tipos de estruturas sintáticas em CSN; ratificam também diferentes análises para a partícula que introduz essas sentenças.

Maurer (2015), em estudo sobre relativas no PLB, destaca construções envolvendo o pronome onde não interrogativo:

**PLB** – (MAURER: 2015, p. 4, (11c), renumerado – “Projeto Libolo”)



- (1) ... tlabalhou no...no quê... no... na fazenda onde é que tem cacau

Segundo a literatura, “onde” pode ser analisado como introdutor de relativas livres:

**Português Brasileiro (PB)** (BRITO & DUARTE: 2003, p. 766; (4), renumerado.)

- (2) Moro onde encontrei casa mais barata.

Perguntamos: o onde não interrogativo em PLB (1) poderia ser analisado como introdutor de relativas livres, assim como o onde investigado em PB (2)? Segundo a análise inicial de Maurer (2015, p. 4), a resposta a essa pergunta seria “não”, pois o onde em PLB (1) só foi atestado, até então, em construções seguidas por “é que”, a qual Maurer (op. cit.) chama de “[...] estrutura similar a de clivagem”.

Seguindo a hipótese de Maurer (2015) de que onde em PLB seja elemento relacionado ao discurso, submetemos a sentença (1) à ferramenta Praat – ver Boersma & Weenink (2012). O resultado apontou para as seguintes características entoacionais: (i) ascendência da curva entoacional (marcada pelo acento tonal  $H^*+L$ ), associada ao termo onde (ressaltamos que, em outras sentenças analisadas, o padrão tonal associado a onde mantém-se o mesmo); e (ii) manutenção da gama de variação da curva entoacional após esse elemento até o último item lexical da sentença, que se encontra associado ao acento tonal  $H^*+L$ .

Interessantemente, nossa análise prosódica de onde (1) é semelhante à de Svartman et al (2015: 290) para sentença com marcação de elemento discursivo em CSN:

**CSN** (SVARTMAN et al, 2015, p. 289; (36), renumerado)

- (3) Ôz é k' ta kmê midj

Asno COP FOC HAB comer milho

“Asno é que come milho”

Esse fato nos leva a ratificar, neste trabalho, a análise sintática “monoclausal” das autoras (op. cit.) (e não ‘clivagem’) para dados como (1) em PLB

# CONSTRUÇÕES COM ‘TÓPICO SUJEITO’: COTEJO EM LÍNGUAS REESTRUTURADAS

Márcia Santos Duarte de Oliveira, Raquel Azevedo da Silva

Universidade de São Paulo

*raquel.silva.letras@gmail.com*

Neste trabalho, centramo-nos no cotejo de sentenças com um tipo particular de tópico em duas línguas consideradas reestruturadas (no sentido de HOLM, 2004): o português do Libolo (PLB) e o Crioulo Cabo-verdiano (CCV):  
PLB – (Silva, 2015)

(1) (...), água deixa frevê daí começa a cozinhá...

CCV – São Nicolau (Francisco Lopes, c. p.)

(2) Nha	ropa	intxe			d´	fum	d´	lenha
1.SG. Poss	roupa	encher.PFT			de	fumo	de	lenha
A minha roupa encheu de fumo de lenha								

As construções acima em PLB e CCV atestando, respectivamente, as expressões “água” (1) e “nha roupa” (a minha roupa) (2) em posição de tópico, aproximam-se de construções tratadas na literatura como ‘tópico sujeito’. Segundo Pontes (1986), nessas construções, o sujeito gramatical da oração encontra-se posposto ao verbo e a posição pré-verbal é ocupada por um sintagma com função de tópico da sentença, funcionando como sujeito lógico. Para Cavalcante (2006), sentenças como (1) e (2) são consequência da evolução de um tipo de passiva impessoal com verbo na forma ativa em 3ª do singular que teria perdido a marca clítica “se” – “Água deixa-se ferver”, por exemplo – mas mantido sua interpretação de um agente genérico/indefinido.

Negrão & Viotti (2010, 2014), discordam de Cavalcante (2006). Para as autoras (op. cit.), esse tipo de construção no português do Brasil (PB) está atrelado ao contato entre o português clássico e o quimbundo – uma língua bantu (Avelar & Galves (2013), entre outros, também corroboram a hipótese da influência das línguas bantu à análise de construções de ‘tópico’ em PB).

A hipótese proposta por Negrão & Viotti parece-nos consistente ao observarmos o dado (1) em PLB, uma variedade de português em contato direto com uma língua bantu. No entanto, ao atestarmos a construção de tópico sujeito em CCV (2), tal hipótese se enfraquece, pois não são atestadas línguas bantu na formação do cabo-verdiano; possivelmente, o grupo mais influente na formação do cabo-verdiano tenha sido o Mandinga – ver Delgado (2009: 98).

Na investigação sobre o cotejo do “tópico sujeito” nessas línguas, nos interessa ainda a aproximação com trabalho recente que argumenta que a emergência dessas construções em PB não esteja condicionada à influência das línguas bantu: Melo (2015). Logo, este trabalho une-se a outros, recentes, que objetivam ampliar o escopo da análise dessas construções a fim de que se chegue a um maior entendimento a seu respeito.

## LANGUAGE EVOLUTION IN THE COCA PLANTATION: VOICE QUALITY IN AFRO-YUNGUEÑO SPANISH

---

**Danae M. Perez**

University of Zurich

*danae.perez@es.uzh.ch*

Structural simplification is a nearly universally observed consequence of language contact (e.g. Trudgill 2011; McWhorter 2011). Contact languages thus display a particularly high degree of restructuring when compared to their respective lexifiers (cf. e.g. Holm 2004). Similarly, Afro-Yungueño Spanish (AY), an isolated contact variety of Spanish spoken in Bolivia by speakers of African descent, is highly simplified in comparison to Spanish: the noun

phrase, for example, lacks number and gender agreement, and the verb is only marked for tense and requires an overt subject pronoun (e.g. Lipski 2008; Perez 2015). Unlike suggested by the descriptions provided so far, however, AY also experienced changes that go beyond morphosyntactic restructuring. There are, for instance, considerable phonological differences between AY and Bolivian Highland Spanish, such as the omission of final consonants (cf. Lipski 2008: 70–80).

In this paper, I will use ethnographic and linguistic data collected in the field to show how voice quality is used in AY. The data suggest that the use of falsetto and breathy voice is functional in AY: falsetto seems to express complicity and add emphasis, while breathiness emphasizes an utterance instead of a lexical intensifier (Perez & Zipp 2015). I claim that this phenomenon is likely to be the consequence of the ecology in which this variety evolved (cf. Jourdan 2008), since its former speakers may have employed voice quality to compensate for limited communicative possibilities as slaves in the coca plantations.

## LINGUISTIC VARIATION IN CAPEVERDEAN

---

**Fernanda Pratas**

Universidade do Porto

*fcpratas@gmail.com*

Capeverdean, a Portuguese-based Creole that preserves a state of unequal interaction with Portuguese, displays a rich morphosyntactic diversity that is largely understudied.

For instance, to convey a progressive reading in various tenses, the language exhibits at least three distinct strategies, with varying functional elements and word orders. These are illustrated in (1)–(3), for past:

(1) *N sata odjaba nha.*

I PROG see:PST you

‘I was seeing you’

(2) *El staba ta trabadja.*

He be:PST TMA work

‘He was working’

(3) *Kes tropa tava te kore.* (Swolkien 2015:205)

the troop PROG.PST run

‘The troops were running’

Note that in (1) the past morpheme (PST) is affixed to the lexical verb, whereas in (2) the same morpheme is affixed to the auxiliary (which does not exist in (1)). The forms in (1) and (2) are both from Santiago Island. As for (3), from São Vicente, there is a phonological similarity to a reduced form of the Portuguese past progressive: *as tropas ‘tavam a correr.*

This paper is not the final result of an accomplished investigation, but rather the detailed presentation of a starting project, as well as a previous grammatical proposal regarding (1) (Pratas 2012, 2014). The final goal is to explore the notions of unity and diversity in human language, based on the description and explanation of variation phenomena in Capeverdean of the type illustrated above. This research plan will assume a still exceptional, but very promising scientific approach to the study of variation phenomena of this sort (cf. Adger & Smith 2010, a.o.): one that combines the latest biolinguistic models (cf. Berwick & Chomsky 2010, a.o.) and variationist analyses (Labov 2000, a.o.). The following ideas are taken as working hypotheses:

- i. some types of variation involves an underspecification in the mapping between lexical items and morphological forms
- ii. attitudes towards Portuguese are among the extra-linguistic factors that may influence some speakers’ choices.

In its future implementation, variation data will be gathered in judgement sessions and interviews (2 methods with complementary advantages), following a selection of speakers with the relevant profiles. The data will then be transcribed, tagged and made available to the wide community in <http://cvwords.org/> (a corpus of oral data that is in constant process of semi-orthographic transcription, POS tagging and syntactic classification). They will then be subject to statistical analyses, and novel theoretical insights on human language will be proposed, confirming or not the two hypotheses above.

# FRASE COMPLEXA EM CABO-VERDIANO: ESTUDO BASEADO EM *CORPUS*

Nicolas Quint, Eliane Vieira

LLACAN, Paris

*quint@vjf.cnrs.fr, elianeibm@gmail.com*

Vários estudos sobre a variedade santiaguense da língua cabo-verdiana (LCV) têm sido desenvolvidos nos últimos anos. Contudo, ao nível da frase ainda há escassez de uma análise mais consistente baseada em um *corpus* oral espontâneo dessa variedade. Neste trabalho, temos o objetivo de apresentar alguns resultados já obtidos sobre a frase complexa no santiaguense, fazendo uma análise sincrônica de quais os mecanismos estruturais utilizados pelos falantes para esse tipo de construção. Alguns estudiosos, como Veiga (2000: 289; 2002: 139-143), Quint (2000a: 207-212; 2000b: 257- 259; 2008: 29-47; 2010: 46-47, 106), Baptista (2002: 132-135), Semedo Brito (2011) têm abordado esse tema, mas com um enfoque apenas nas conjunções que estabelecem relações de subordinação ou coordenação, alistando-as e exemplificando-as com frases. Além desses, Lang (2014: 121-134) mostra uma análise sincrônica da conjunção ‘ma’ no santiaguense, relacionando-a inclusive às conjunções ‘si’ e ‘ki’, em contextos de complementação e nominalização. Este estudo se propõe a fazer uma análise mais ampla dos estudos já desenvolvidos até então. Os resultados preliminares obtidos mostram que, na LCV, as relações estabelecidas entre unidades predicativas se realizam mais por justaposição, ou seja, mais na sintaxe lógica que na explícita, dispensando-se, assim, a realização de marcadores de coordenação e subordinação. Segundo Quint (2008: 44), essa ausência de marcadores explícitos nesse tipo de relação dificulta estabelecer, a partir de critérios puramente sintáticos, se se trata de coordenação ou subordinação, ou alguma outra relação de dependência. Essa problemática é evidenciada na seguinte ocorrência do *corpus*:

<i>si</i>	<i>mai</i>	<i>fla:</i>	<i>"nau</i>	<i>ma</i>	<i>ei</i>	<i>gó</i>	<i>p-e</i>
POS.3SG	mãe	dizer.PFV	NEG	COMPL	ST.3SG	agora	COMPL-S3SG
PP			ITJ	PC1			

<i>ka</i>	<i>bai</i>	<i>purkê</i>	<i>ma</i>	<i>do</i>	<i>dja</i>	<i>bai</i>	<i>ka</i>	<i>Ben"</i>
NEG	ir.PFV	COORD	COMPL	dois	ACT	ir.PFV	NEG	vir.PFV
PC1 (seg)		PC2				PC3		

*Sua mãe lhe disse não, para ele não ir, porque dois já foram, [mas] não voltaram*  
(kea\_058/110sin)

Em que a conjunção ‘*ma*’ introduz as duas primeiras proposições completivas (PC1) “*ma ei gó p-e ka bai*” e (PC2) “*ma do dja bai*”, mas não a terceira (PC3) “*ka ben*”, que se realiza por justaposição. Nesse caso, elementos exclusivamente sintáticos não nos permitem concluir que temos uma terceira completiva. Os resultados desta pesquisa serão mais um contributo para a descrição da LCV, permitindo, portanto, numa perspectiva mais aplicada, o progresso do nosso conhecimento sobre as línguas crioulas, em geral, e a LCV, em particular.

## A DIREÇÃO DA MUDANÇA LINGUÍSTICA NO PORTUGUÊS DE MAPUTO - DADOS DIACRÔNICOS DE UMA SITUAÇÃO DE CONTATO

**Torun Reite, Anna Jon-And**

Universidade de Estocolmo

*Anna.Jon-And@ispla.su.se, torun.reite@su.se*

O Português falado em Moçambique representa uma variedade de Português emergente num contexto multilingue afetado pelo contato linguístico entre o Português e as línguas Bantu faladas no país. O aumento no uso de português em Maputo ao longo dos últimos 40 anos tem transformado a maioria da população de Maputo em bilíngues e aponta para uma mudança de língua em andamento. Atualmente a maioria da população de Maputo são falantes

de português como língua segunda (L2) ou pertencem à primeira geração de falantes de português como língua materna (L1). Esta situação pode levar à transmissão linguística irregular (cf Lucchesi & Baxter 2009: 101 -124), que por sua vez pode resultar em reestruturação gramatical do português. Devido à falta geral de dados quantitativos diacrônicos de situações de contato linguístico, estudos anteriores têm dado pouca atenção à difusão de características induzidas por contacto ao longo do tempo.

O objetivo deste trabalho é detectar tendências diacrônicas na mudança linguística no português oral de Maputo. O acesso a dois conjuntos de dados comparáveis de dois tempos diferentes (1993/4 e 2007) proporciona uma oportunidade única para documentar mudança linguística em andamento em uma situação de contato. Os dados foram recolhidos no âmbito dos projetos de pesquisa sobre o português de Maputo realizados por Stroud & Gonçalves (1997) e Jon-And (2011). Na análise quantitativa de inovações linguísticas partimos da tipologia estabelecida por Gonçalves (1997). Compara-se os tipos de inovações linguísticas registradas nos dois conjuntos de dados e detectam-se tendências de aumento ou declínio no uso de cada tipo de inovação. Compara-se também a difusão de inovações em níveis linguísticos distintos (lexical, morfológico e sintático).

A análise revela que os tipos de inovações encontrados são em geral os mesmos nos dois tempos. Os resultados apontam para um aumento na frequência das inovações em todos os níveis linguísticos, com taxas particularmente elevadas de difusão de reduções morfológicas. Este aumento pode estar relacionado com o bilinguismo, bem como mudanças no uso, acesso e *input* do Português. Além disso, a estabilidade qualitativa de características encontradas pode ser um sinal de uma norma emergente de uso.



# ESCOLHAS LINGUÍSTICAS NA INTERNET: USO DA LÍNGUA CABO-VERDIANA NO FACEBOOK

**Sílvia Rodilla Rivas**

DCSH-SV / Universidade de Cabo Verde

*silvia.rivas@docente.unicv.edu.cv; lachivi3@hotmail.com*

A presente comunicação pretende explorar o impacto da comunicação em rede<sup>2</sup> nos comportamentos e atitudes linguísticas em Cabo Verde enquanto país em situação de diglossia através de uma análise inicial do uso da língua cabo-verdiana (LC) no Facebook.

Apesar dos constrangimentos de acesso às Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) inerentes às limitações próprias dum país em vias de desenvolvimento, o acesso às TIC tem-se democratizado a um ritmo acelerado, colocando Cabo Verde entre os primeiros países africanos no ranking de penetração da internet (NOSI, 2013). Tendo em conta o papel da internet como motor de mudanças linguísticas (Warschauer, 2002) e identitárias (Crystal, 2004) e reconhecendo o seu potencial como elemento veicular da escrita em línguas que anteriormente eram essencialmente orais (Warschauer, 2001), entende-se que a problemática das relações entre língua e redes sociais online seja alvo de um número crescente de estudos sobre línguas que, como a LC, continuam a concorrer com uma língua de maior prestígio no domínio da escrita (Carroll, 2008; Hinrichs, 2005; Honeycutt & Cunliffe, 2010).

O Facebook tem-se afirmado como a rede social mais popular do país, tornando-se parte do quotidiano de mais de 100.000 cabo-verdianos (World Newsmedia Network, 2013). Apesar de a comunicação em rede apresentar uma idiossincrasia própria, as redes criadas no Facebook constituem uma reprodução das redes físicas (Ellison *et al.* 2006). Desta forma, parece razoável considerar as práticas linguísticas e as formas de interação no Facebook como um reflexo de tendências sócio-históricas mais abrangentes relativamente à afirmação

---

2. Em inglês, *computer-mediated communication*

identitária no país, especialmente tendo em conta o carácter transnacional das práticas culturais e linguísticas (Rego, 2008, em Carling & Batalha, 2008). Ainda, do ponto de vista sociolinguístico, o alargamento dos domínios de uso da LC (Lopes, 2016) insere-se num processo maior de reconfiguração das funções tradicionalmente reservadas às línguas nacionais e reflete uma evolução positiva das atitudes dos cabo-verdianos perante a língua materna (Baptista *et al.*, 2010).

Partindo de uma abordagem exploratória, adotou-se uma metodologia mista para determinar como, com que frequência e para que fins a LC é usada no Facebook, e quais os fatores determinantes destas escolhas linguísticas. Este estudo combina a análise quantitativa dos dados de 30 questionários de autorrelato aplicados a uma amostra estratificada, com a análise qualitativa de 5 entrevistas de aprofundamento. A análise preliminar dos dados recolhidos até à data aponta para um uso generalizado da LC como língua predominante no Facebook.

## **A LOOK AT PRO-DROP PHENOMENA IN CABO VERDEAN CREOLE**

**Adrian Rodriguez Riccelli, Sandro Sessarego**

University of Texas at Austin

*adrianrriccelli@utexas.edu, sandrossarego@yahoo.it*

The Null Subject Parameter (NSP) has been the focus of much debate in the syntactic and pragmatic literature. Most creole language varieties have traditionally been classified as non-null-subject languages (NNSLs), much like English (cf. Chomsky 1981; Rizzi 1982). However, within the realm of creole studies DeGraff (1993) and Baptista (2002), among others, have contested this view by showing numerous syntactic configurations in which null-subjects appear in Haitian and Cape Verdean Creole (CVC), respectively.

The present study investigates the speech of ten CVC informants living in Praia, Cabo Verde, where traditional CVC is constantly in contact with

Portuguese. In so doing, this paper provides an analysis of null and overt subjects in a CVC variety that partially diverges from the traditional creole spoken elsewhere in Santiago and the archipelago.

Data were collected by way of sociolinguistic interviews, followed by a picture-based story-telling task. Results indicate that the speakers' exposure and use of Portuguese modulates the use of null subjects in their CVC grammar and triggers a different set of pragmatic interpretations in the use of strong-pronominal subjects (*A)mi*, (*A)bo*, (*A)el* etc., clitic pronominal subjects *N*, *Bu*, *E(l)* etc., and  $\emptyset$ .

We find that Baptista's (2002) account holds for the distribution of null and overt subjects in basilectal and mesolectal varieties of CVC, but that for speakers employing an acrolectal form of this language -due to higher levels of exposure and use of Portuguese- rates of null pronouns increase, while rates of strong-pronominal subjects decrease, and clitic-pronominal subjects attain emphatic and contrastive values.

We claim that this is an instance of grammatical restructuring, consisting of a systematic substitution of traditional basilectal CVC features with acrolectal Portuguese ones. Namely, the discursive and pragmatic features involucrated in governing overt-null pronominal distributions in Portuguese are partially mapped onto the CVC system in speakers with regular and ample use and exposure to Portuguese. In light of recent minimalist models (cf. Adger & Smith 2005; Sessarego 2014), the variability encountered in our corpus is accounted for as the systematic by-product of the differential specification of uninterpretable features in a derivation (Chomsky 2001).

This study highlights an on-going process of creole approximation to an acrolectal or superstrate system. This transition seems to be driven by social factors while also being significantly constrained by syntactic ones. Finally, our analysis innovatively fuses a formalist theoretical framework with analytical and empirical methods used in the variationist sociolinguistics tradition.

# ON THE CLASSIFICATION OF SPANISH CONTACT VARIETIES

---

**Eeva Sippola, Danae M. Perez**

University of Bremen, University of Zurich

*sippola@uni-bremen.de*

As a result of its colonial spread, the Spanish language has turned into a pluricentric language with a high level of variation. However, the degree to which certain colonial varieties have undergone processes of restructuring has not yet been analyzed from a comparative perspective. The classification of contact varieties of Spanish poses a particular challenge. These include varieties such as the Afro-Hispanic varieties spoken by communities of African descent in South America that exhibit a particularly high degree of variation on a continuum between rather standard-like and more vernacular features (cf. Holm 2004; Lipski 2005).

This study aims at adding new input to Spanish dialectology by examining the potential of phylogenetic analysis in the classification and comparison of Spanish contact varieties. We will compare a number of varieties of Spanish on the basis of 72 typological and dialectal features. The varieties under scrutiny are selected dialects of Spanish, three Spanish-lexified creoles, as well as three Afro-Hispanic varieties, i.e. Afro-Yungueño Spanish spoken in Bolivia, Afro-Choteño Spanish spoken in Ecuador, and Afro-Chinchano Spanish spoken in Peru. The data come from fieldwork corpora, typological databases (Dryer & Haspelmath 2013; Michaelis et al. 2013), and published literature (e.g. Lipski 2005). The analysis is based on statistical modeling and computational tools for quantitative typology that are suitable for studying language contact situations, such as the phylogenetic program SplitsTree4 (Daval-Markussen & Bakker 2011, 2012; Huson & Bryant 2006).

The results of the phylogenetic analysis show clear clusters of the different variety types and support the classification of the Afro-Hispanic varieties as extreme non-standard varieties of Spanish. However, their placement in the

network is not uniform and has to be interpreted in consideration of the data collection methods and sociohistorical information about the varieties. The features that are most relevant for the classification are the highly reduced VP and NP, as well as particularities of the pronominal system. In this paper, we will present these findings, which contribute to research on contact and non-standard varieties of Spanish and, more generally, add to the discussion of the possibilities and challenges of phylogenetic analysis in the study of contact varieties.

## TRAÇOS DE *PESSOA* E DUPLOS SUJEITOS NO PORTUGUÊS, SANTOME E CABO-VERDIANO

Cláudia Roberta Tavares Silva, Danniel da Silva Carvalho,  
Fernanda Maciel Ziober

Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE)/Universidade de Lisboa (UL)/ CAPES/ Brasil, Universidade Federal da Bahia (UFBA), Vrije Universiteit Amsterdam/CAPES

*claudiarobertats@gmail.com, dannielcarvalho@ufba.br, fernandaziober@gmail.com*

Pesquisas realizadas, em diversas línguas naturais, mostram que o sujeito pode ser retomado por um pronome resumptivo (os chamados “duplos sujeitos”), verificando-se concordância número-pessoal entre eles (ex.: *Uns menino(s) eles...* (português brasileiro (PB); *Los hombres, ellos...* “Os homens, eles...” (espanhol); *Moi, je...* “Eu, eu...” (francês); *Ami n...* “Eu eu” (kriyol); *Eli e...* “Ele ele” (palenquero); *Jan, li* “João, ele” (crioulo haitiano) (cf. Duarte 2000, Britto 2000, Silva 2004, Rivero 1980, De Cat 2003, Castro 2013, Schwegler 2013, Deprez, 1992). Um dos *locus* de assimetria observado nesse contexto tem a ver com os traços de pessoa: enquanto no PB, por exemplo, predomina a terceira pessoa; no francês, destaca-se a primeira pessoa (singular e plural) e a segunda do singular (Costa, Duarte & Silva 2006, Fuß 2007). Silva (2013) e Silva & Ziober (2014, 2015) observam que tanto em santome (ST) e no caboverdiano (CCV), crioulos de base lexical portuguesa, quanto no português europeu (PE) e em variedades africanas do português (o português de Moçambique (PM), Angola (PA), Guiné-

Bissau (PGB), São Tomé e Príncipe (PSP) e Cabo Verde (PCV)), predomina a primeira pessoa do singular. Diante disso, este estudo, embasado na sintaxe gerativa, discute a valoração e composicionalidade dos traços de *pessoa* no ST, no CCV e em variedades do português, tendo como hipótese norteadora de que, entre essas línguas, diferentes subespecificações de traços de pessoa estão envolvidas nos contextos em análise, ampliando, portanto, o que é proposto por Carvalho (2008, 2015) para o PB. Para tanto, assumimos a proposta de Harley & Ritter (2002) para uma geometria de traços que culmina em uma hierarquia interna aos pronomes relevante para sua realização morfológica e para a sintaxe (Preminger, 2014), estando incluído o traço *pessoa* (a saber,  $[\pi]$ ) (Béjar 2003). Ademais, vale dizermos que os dados submetidos à análise provêm de contextos declarativos finitos extraídos de entrevistas informais. Visando, portanto, contribuir para o tratamento dado à categoria *pessoa*, assumiremos que a resumpção é uma estratégia de licenciamento dos traços [definitude] e [especificidade]. Assim, os resultados, até então obtidos, evidenciam que a duplicação do sujeito se deve a exigências desses traços na estrutura dos pronomes e que a distribuição desses traços restringem as pessoas do discurso envolvidas: enquanto no PB, a terceira pessoa parece ser uma estratégia para a realização de definitude e especificidade (cf. Cerqueira 2015), nas demais línguas, apenas os pronomes participantes do discurso (falante e ouvinte) possuem tais traços.

## LA FORMACIÓN DEL PLURAL EN CHABACANO ZAMBOANGUEÑO

Eduardo Tobar Delgado

Universidad de Vigo

*eduardo.tobar@uvigo.es*

En Filipinas perviven tres variedades del criollo hispano-filipino. La más vital de ellas es el chabacano zamboangueño, primera lengua de unas 350.000 personas. La lengua lexificadora es el español, mientras que la mayor parte de los rasgos morfosintácticos tienen su origen en las lenguas filipinas.

Según Steinkrüger (2013), el 90% de los plurales se forman anteponiendo el marcador de plural *mga* y el 10% restante mediante reduplicaciones. Este autor nos ofrece este ejemplo de uso del marcador:

Tyéne *mga* karabáw na kamíno.

Tyéne *mga* karabáw na kamíno

EXIST PL water.buffalo LOC way

‘There are water buffalos on the road.’

Steinkrüger advierte, asimismo, de que este marcador tiene distintas realizaciones fonológicas y remite a Forman (1972), quien señala que existen tres formas del marcador: *maga*, *mana* o /maɲa/, que cuando no están en variación libre pueden tener distintos significados connotativos: “*maga* carries a Filipino, perhaps lower status, connotation; *mana* carries a Spanish connotation (as Spaniards evidently had difficulty pronouncing /ŋ/); /maɲa/ carries younger Filipino, and in contrast to *mana* perhaps more elite connotations”. Por el contrario, para autores como Miravite et al. (2009) *maga*, *mana* y *mga* serían solo variaciones ortográficas. En nuestro corpus encontramos esta distribución de ortografías:

**Tabla 1:** distribución de realizaciones de marcadores del plural

	Formas	Porcentaje
Maga	2952	47,67%
Mga	1701	27,47%
Mana	1420	22,93%
Otras	119	1,92%

Por otro lado, pervive el uso del sufijo *-(e)s* de origen español, aunque no siempre con valor de plural. En este sentido, Lipski y Santoro (2007) afirman que este sufijo puede no tener fuerza semántica. Algunos sustantivos se han incorporado solo en su forma plural, aunque se refieran al singular, por ejemplo, según Miravite et al. (2009), *ahos* ‘ajos’ puede ser singular o plural. En la literatura aparece también la posibilidad de combinar el marcador y el sufijo: *el maga letratos* ‘las fotografías’.

En esta comunicación sintetizaremos las descripciones disponibles y sus posibles divergencias. A continuación, mediante la lingüística de corpus analizaremos la formación del plural en nuestro corpus de 600 000 palabras conformado por textos de Facebook realizados por varios miles de usuarios. Los resultados provisionales indican que aparecen todas las estrategias de formación del plural a las que hemos aludido, así como algunas ortografías adicionales y algunos comentarios metalingüísticos significativos. Esperamos que nuestro análisis sirva para arrojar algo de luz en cuanto a las frecuencias relativas de cada forma y sus posibles especializaciones denotativas y connotativas.

## THE CLITIC SYSTEM OF GUINEA-BISSAU CREOLE-SUBJECTS, OBJECTS, AND OBJECT ENCLISIS

Chiara Truppi

*charatruppi@gmail.com*

Guinea-Bissau Creole shows a quite rich pronominal system, where every combination person + number has its specialized form. It displays syncretic forms for some specific cases: e.g. the clitic *n* is 1sg subject, 1sg recipient and 1sg object. Subjects consist of two forms: The strong form primarily acts as topic and is not mandatory. The weak form is the syntactic subject and is (almost) always mandatory (1). Weak forms are clitics as well as object pronouns. In case of double object constructions, whenever both patient and recipient are pronominal, the order after the verb is recipient + patient (1). If only one object is pronominal, it shows up between the predicate and the lexical object (2).

(1) **(El) i da-u el.**

3sg<sub>TOP</sub> 3sg give-2sg 3sg  
 ‘S/He gave it to you.’

(2) **Mininu da-l si mame.**

Child give-3sg his/her mother  
 ‘The child gave it to his/her mother.’



Clitics lexicalize the syntactic categories of the grammar (Manzini and Savoia 2005): i) 1 and 2 persons, both singular and plural, lexicalize the property P(erson), ii) 3 singular (and nouns) lexicalize N(oun), iii) 3 plural lexicalizes the quantification property Q, and iv) subjects lexicalize D(efiniteness). As a difference from European Portuguese, clitic objects in Guinea-Bissau Creole are always enclitic, i.e. they follow the verb in declaratives, interrogatives, imperatives, with the negation etc. Following Manzini and Savoia, the enclitic object is base-generated. The positions where the predicate and its object(s) are generated are crucial. In declaratives, for example, object clitics insert in the E(vent) domain, which is subordinated to I(nflection) and is lower than V(erb). The verb lexicalizes in the I position. Thus, objects result at the right of the verb (3; see example 1).

(3)	C	D...	I	D...	P	Loc	N	E...
		i	da		u		el	

Similarly, object clitics insert at the right of the imperative or infinitive verb. Since imperative and infinitive have irrealis modal properties, they presumably lexicalize in a C<sub>1</sub> position. As a consequence, their enclitic objects remain in the I domain (4).

(4)	C <sub>1</sub>	D .....	Q....	N	C ....	P ...	N	I
	da					n	el	
	give					1sg	3sg	
	'Give it to me.'							

To sum up, the enclisis of the object does not depend on a different position of the verb (movement), but on the fact that the modal properties of the verb require a higher position for the insertion of the verb.

# NEGATIVE CONCORD IN THE PORTUGUESE CREOLES, WITH A FOCUS ON THE GULF OF GUINEA

Johan van der Auwera

University of Antwerp

*johan.vanderauwera@uantwerpen.be*

Since at least Bickerton (1981: 65-66) the exponence of negation on the clausal level as well as on an indefinite, called ‘negative concord’ and illustrated in (1), has been considered typical of Creoles.

- (1) (1) N            vê        ko        nhon    fa. (Principense, Maurer 2013)  
         1sg   see        thing   no        neg  
         ‘I didn’t see anything.’

A new appraisal of this claim is now possible with the appearance of The Atlas of Pidgin & Creole Language Structures (2013), its accompanying survey and web data base. There has also been progress in the typology of negative indefiniteness for non-Creole languages [reference suppressed]. Against this typological background 14 Portuguese Creoles were studied, with a focus on the Creoles of the Gulf of Guinea (GGCs) (Santome, Angolar, Principense, Fa d’Ambô). Here are the main results:

(i) Negative concord is indeed typical for the Creoles with lexifiers that had negative concord themselves, but untypical for other Creoles and, pace recent claims, for non-Creoles [reference suppressed]. This confirms the hypothesis that the Portuguese Creole negative concord originated in Portuguese, esp. when both the clause negator and the negative indefinite are cognates of the Portuguese ones.

(ii) Negative concord has a strict type, in which negation is always found on both the indefinite and on the clausal level, and various non-strict types, in which this is not the case. [reference suppressed] argues that for non-Creoles non-strict negative concord is the rarer option, and explains why this is the

case. This view gets support from Portuguese Creoles in that they also prefer strict negative concord, different from what happened to European Portuguese.

(iii) Present-day GGCs are special in that neither their clausal negator nor their negative indefinites have exact cognates in European Portuguese. As to clausal negation, they developed double and later single clause-final negation (Jespersen's Cycle) and as to negative indefinites they don't have cognates for *ninguém* or *nada*. A third special feature is that in Angolar negative concord does not seem to be obligatory and in Fa d'Ambô it seems absent. In each respect, the relevant GGCs are 'more African than European', in a sense that can be made precise. Furthermore, the GGC data support the hypothesis that pace recent claims there is no strong relation between the double exponence of double clausal negation and that of negative concord.